

JOHN KERRY VAI AO QUÊNIA¹ POR TRÁS DAS AMEAÇAS DE FECHAMENTO DOS CAMPOS DE REFUGIADOS DE DADAAB

Beatriz de Barros Souza²

Resumo: O maior complexo de campos de refugiados do mundo, situado em Dadaab, província de Garissa, no Quênia, sofreu novas ameaças de fechamento abrupto pelo governo queniano em abril de 2015. Buscando evidenciar a importância de se desenvolverem estudos sobre os campos de refugiados também na América Latina, cujas fronteiras recebem maiores fluxos migratórios com o crescente cerceamento de Estados centrais à mobilidade periférica, embora essa política não se tenha firmado, esta pesquisa investiga questões subjacentes a essas ameaças com base em um breve histórico da atuação da comunidade internacional nesse campo para se proceder à análise das relações bilaterais do Quênia com os Estados Unidos, historicamente e nesse caso específico. Ao final, serão apontadas possibilidades de encerrar as operações nos campos em consonância com o Direito Internacional Humanitário.

Palavras-chave: África. Campos de Refugiados. Direito humanitário. Fronteira. Migrações.

Abstract: The world's largest complex of refugee camps located in Dadaab, province of Garissa, Kenya suffered new threats of abrupt closure by the Kenyan government in April 2015. Seeking to highlight the importance of developing studies on refugee camps also in Latin America, where, although this policy has not been established, its borders receive greater migration flows with the increasing curtailment of central states to peripheral mobility, this paper analyses issues underlying such threats based on a brief history of the international community acting in these camps up to the analysis of Kenya's bilateral relations with the United States from a historical perspective and in this particular case. Finally, possibilities will be presented to cease operations in the fields in accordance with International Humanitarian Law.

Keywords: Africa. Refugee camps. Humanitarian Law. Frontier. Migration.

¹ Comunicação oral apresentada no Painel n. 03 ("Migrações e Fronteiras") do 42º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos (São Paulo, 26 a 28 agosto 2015).

² Pós-graduanda na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Orientador: Profa. Dra. Eva Alterman Blay. E-mail: biadebarros@usp.br

INTRODUÇÃO

O campo de refugiados³ é uma estrutura própria do Direito Internacional Humanitário (DIH) que, como toda proteção internacional a direitos humanos,⁴ visa a ser *provisória*, durando somente até que seus beneficiários possam gozar novamente da proteção nacional.⁵

A fragilidade desse ajuste, porém, origina inseguranças constantes, como as ameaças do governo do Quênia de fechamento abrupto dos campos em abril deste ano.⁶ O governo de Kenyatta alegava, para tanto, que membros do grupo armado “(...) al-Shabaab estivessem escondidos nos campos” de Dadaab,⁷ repetindo alegações de 2013, quando o grupo atacou um Shopping em Nairóbi.⁸

Embora desta vez tenham sido interrogadas por pressão internacional,⁹ tais ameaças refletem a instabilidade em que vivem muitos refugiados. O local, fundado em 1991 para receber inicialmente até 90 mil pessoas, hoje abriga mais de 350 mil, em sua maior parte, somalis.¹⁰ Enquanto não cessar a causa do deslocamento, nenhum refugiado pode ser “retornado” à origem contra sua vontade (princípio do *non-refoulement*).¹¹ Nesse ínterim, as soluções ditas *duradouras* (integração local, reassentamento ou retorno voluntário), por dependerem do consentimento de terceiros (ACNUR, 2007, p. 32), são, portanto, muito frágeis.

³ O *Estatuto do Refugiado* da ONU (1951) e seu Protocolo de 1967 consideram “refugiado” toda pessoa que: “(...) temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.”

⁴ São direitos humanos aquele: “(...) conjunto mínimo de direitos necessários para assegurar uma vida do ser humano baseada na liberdade, igualdade e na dignidade.” (CARVALHO RAMOS, 2013, p. 32).

⁵ Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR): “*International protection is a temporary substitute for the protection normally provided by States to their nationals abroad until the refugee can again benefit from national protection.*” IN: UNHCR Handbook for Emergencies, Third Edition (2007), p. 17.

⁶ ACNUR (UNHCR). “*UNHCR urges Kenyan government rethink on Dadaab closure announcement*”. Notícia de: 14/04/15. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/552d12c49.html>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

⁷ BBC. “*Kenya tells UN to close Dadaab camp after Garissa attack*”. Notícia de 11/04/2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-32269944>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

⁸ Anistia Internacional. “*Kenya must not return Somali refugees*”. Notícia de 01/10/2013. Disponível: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2013/10/kenya-somalia-refugees/>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

⁹ “*Kenya Retracts Plans To Close Dadaab, World’s Largest Refugee Camp, After International Pressure*”. Notícia de: 07/05/15. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/kenya-retracts-plans-close-dadaab-worlds-largest-refugee-camp-after-international-1912768>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

¹⁰ *Information Sharing Portal (ISP)*: <<http://data.unhcr.org/horn-of-africa/region.php?id=3&country=110>>. Acesso: 07/07/2015.

¹¹ Artigo 33 do Estatuto do Refugiado (1951).

Nessa situação, discursos de autoridades locais ganham poder de barganha por recursos volumosos. Em 2015, o Quênia deverá receber US\$ 244,9 milhões do Alto Comissariado para Refugiados da ONU (ACNUR).¹² Isto não impediu o Secretário do Tesouro queniano, Henry Rotich, de menosprezar eventuais custos desse fechamento em sua fala, em virtude de “o trabalho das ONGs não ser mais tão importante fonte de investimento como nos anos 1990 e início dos anos 2000.”¹³

Ante a fragilidade da comunidade internacional, os Estados Unidos enviaram o Secretário de Estado John Kerry para negociar a manutenção das operações em Dadaab. Em troca, os EUA prometeram US\$45 milhões adicionais aos US\$289 milhões já investidos no país nos últimos dois anos em ajuda humanitária.¹⁴ O aumento na ajuda, contudo, não encontra respaldo no ritmo de execução orçamentária do governo de Kenyatta: mais de um quarto (27%) dos recursos foram devolvidos ao Tesouro no exercício 2013/2014.¹⁵

Pode-se supor, então, que os esforços desse país e demais doadores estariam centrados em resolver a questão “na origem” da maioria dos refugiados de Dadaab: a Somália. Todavia, segundo o *African Research Institute*, apenas 30% do apelo humanitário para esse país em 2014 foi atingido (cerca de US\$280 mi, de um total de US\$933mi), valor muito inferior ao das remessas dos próprios somalis em diáspora no exterior, cerca de US\$1,3 bi.¹⁶

No contexto geopolítico de fronteiras que se fecham para os deslocamentos humanos e se abrem para mercadorias, esses discursos adotam critérios cada vez mais artificiais a fim de justificar tais medidas. A exemplo de um parlamentar queniano sobre encerrar Dadaab: “*Somali is a very complicated society. You know, with our liberal constitution, with our liberal way of life, they can easily penetrate our society and cause a*

¹² ACNUR. “2015 UNHCR country operations profile: Kenya”. Disponível: <<http://www.unhcr.org/pages/49e483a16.html>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

¹³ “Kenya at risk of Sh10bn loss from Dadaab shutdown”. Disponível em: <<http://www.businessdailyafrica.com/Kenya-at-risk-of-Sh10bn-loss-from-Dadaab-shutdown/-/539546/2687088/-/item/0/-/qm0535z/-/index.html>>. Acesso: 07 Jul. 2015..

¹⁴ The Washington Post. “On Kerry’s visit to Kenya, U.S. pledges extra \$45 million to help with refugees”. Notícia de 04/05/2015. Disponível: <https://www.washingtonpost.com/world/kerry-in-kenya-remembering-past-terror-and-discussing-current-threats/2015/05/04/2aa0ccec-ef4b-11e4-8050-839e9234b303_story.html>. Acesso: 07 Jul. 2015.

¹⁵ Institute of Economic Affairs (IEA-Kenya). Disponível em: <<http://www.ieakenya.or.ke/blog/execution-of-the-development-budget-needs-to-be-improved>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

¹⁶ Africa Research Institute. “Somalia in 2014: Timeline of the food security crisis”. Disponível: <<http://www.africaresearchinstitute.org/blog/somalia-in-2014/>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

lot of harm".¹⁷ Esse foco nas identidades nacionais como marcadores da diferença não é exatamente novo:

Ocorre, com relação aos estrangeiros, uma "eticização" de tudo o que lhes diz respeito, de modo que, quando um indivíduo de origem estrangeira comete um crime de qualquer natureza, (...) [a] culpa frequentemente recai sobre o grupo ao qual tal indivíduo pertence, como se todos aqueles que dele fazem parte fossem potencialmente criminosos. (GARCIA, 2012, p. 12).

Dessa divergência entre o discurso oficial das autoridades locais e os dados que sugerem grande influxo de recursos para seu país tão somente em virtude da existência dos campos, surge uma questão central: o que prolonga a existência desses campos em Dadaab? Tal reflexão, apesar da 'questão da distância' (HORST, 2006, p. 1), evidencia a urgência de temas "nem politicamente neutros nem meramente humanitários" (HYNDMAN, 2013, p. 7).

Os estudos de refugiados, no geral, não abordam aspectos de transnacionalidade (HORST, 2006) tanto como estudos migratórios - estes largamente ausentes da produção científica brasileira até meados do século XX (BLAY, 2013). Este estudo pretende aprofundar a questão da transnacionalidade em Dadaab, enfocando a comunidade internacional no primeiro tópico e as relações bilaterais entre Quênia e Estados Unidos no segundo com base na análise de conteúdo jornalístico e discursos oficiais, privilegiando a busca em meios digitais atuais.

1. A COMUNIDADE INTERNACIONAL EM DADAAB

BREVE HISTÓRICO

Devemos lembrar que, desde, ao menos, o fim da Guerra Fria: "Negação e abuso dos direitos dos refugiados, e o seu confinamento em campos são questões que afrontam a comunidade internacional, e o regime regional e nacional dos refugiados (...)" (MUNENE, 2012, p. 7).¹⁸ No Quênia, ao final dos anos 1980, com o aumento massivo no influxo migratório:

"(...) o governo perdeu a habilidade de lidar com refugiados e pediu assistência à comunidade internacional. Para atrair fundos, concordou em designar áreas específicas para acomodar refugiados em campos e o ACNUR montou um núme-

¹⁷ "Kenya Threatens Again To Close Dadaab, World's Largest Refugee Camp". Notícia de: 04/5/15. Disponível em: <<http://www.npr.org/2015/05/04/404114278/kenya-threatens-again-to-close-dadaab-worlds-largest-refugee-camp>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

¹⁸ No original, em Inglês: "Denial, and abuse of refugee rights, and confinement of refugees' in camps are problems that face the international community, regional, national and the refugee regime after the Post-Cold War period."

ro desses país afora. (...) [E]ntre 1994 e 1997, o governo decidiu fechar a maioria dos campos no Quênia. A resposta do ACNUR foi realocar os refugiados para Dadaab e Kakuma, os dois mais remotos campos do país” (HORST, 2006, p. 19-20).

As fronteiras dos campos foram mudando aos poucos, originando o que poderíamos denominar uma ‘territorialização mais flexível’ do que as ‘político-funcionais’ mais tradicionais (HASBAERT, 2004, p. 8). ‘Dadaab’ teria sido “o nome dado aos três campos (Hagadera, Ifo e Dagahaley), localizados a 100km da fronteira entre a Somália e o Quênia” (ABDI, 2005, p. 17), fazendo parte da província queniana de Garissa apenas enquanto durarem as atividades desses campos.

PANORAMA ATUAL

Dados sobre o número exato de campos de refugiados atualmente são difíceis de encontrar. Sabe-se, contudo, que o deslocamento forçado atingiu cerca de 59,5 milhões de pessoas, entre refugiados, buscadores de asilo e deslocados internos, em 2014.¹⁹ Dessas, mais de quatro milhões vivem em campos de refugiados, que, embora sejam uma estrutura minoritária nas áreas urbanas, ainda predominam nas zonas rurais (67% dos casos).²⁰

Esparsos também são os dados objetivos sobre as organizações internacionais que prestam ajuda internacional humanitária nesses campos hoje em dia. Na página oficial sobre as atividades do ACNUR em Dadaab, de fato, há uma lista com mais de cem organizações²¹ que seriam parceiras da Agência em ao menos dezessete áreas distintas²², sem qualificar, contudo, qual a duração e especificidade do trabalho de cada qual nesses campos.

Sabe-se que a instabilidade política constantemente afeta os planos econômicos e logísticos dessas organizações. Em maio, por exemplo, a ONG Médicos sem Fronteiras fechou postos e retirou dos campos vários de seus funcionários devido à insegurança.²³ Em junho, a WFP (Programa da ONU para a alimentação) teve de reduzir em 30% as rações dos refugiados em

¹⁹ ACNUR. ‘Worldwide displacement hits all-time high as war and persecution increase’. Notícia de 18/06/2015. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/558193896.html>>. Acesso: 29 Jul. 2015.

²⁰ ACNUR. Global Trends 2014. p. 43. Disponível em: <<http://unhcr.org/556725e69.html>>. Acesso: 29 Jul. 2015.

²¹ ISP Horn of Africa: Partners List. Disponível em: <<http://data.unhcr.org/horn-of-africa/partnerlist.php>>. Acesso: 29/07/15.

²² ISP. ‘Who’s doing what where?’ <<http://data.unhcr.org/horn-of-africa/region.php?id=3&country=110>>. Acesso: 29 Jul. 2015.

²³ “Kenya: MSF forced to close Dadaab health posts and evacuate staff amid escalating insecurity”. Disponível em: <<http://www.msf.org/article/kenya-msf-forced-close-dadaab-health-posts-and-evacuate-staff-amid-escalating-insecurity>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

Dadaab.²⁴ Além disso, estão, por vezes, sujeitas à publicidade negativa quando uma de suas subsidiárias apresenta dificuldades na transparência dos seus gastos, como no caso recente da suspeita de desvio de recursos relacionado à Cruz Vermelha no Haiti.²⁵

A publicidade que seria ‘positiva’ para a arrecadação de fundos também vem sendo alvo de críticas, sendo comumente chamada “efeito CNN”:

Images of destitute refugees seeking urgent protection and assistance in countries of asylum proved to be an effective means of attracting international attention and resources, (...). By way of contrast, relatively little attention was given to those refugees whose immediate past and indefinite future entailed the monotony of life in a camp. (CRISP, 2009, p. 7)²⁶.

Assim, se a mídia internacional só “foca” os campos de Dadaab quando há possibilidade real de “vender notícia”, a exemplo das matérias que enfoquem a sua enormidade,²⁷ os casos de ‘situação prolongada de refúgio’ tendem a ficar esquecidos, mesmo sob esse olhar.

Longe de ser apenas ‘culpa da mídia’, esse pensamento reflete, em grande medida, o modo como a própria estrutura da ajuda humanitária internacional vem sendo construída ao longo dos anos. O próprio ACNUR utiliza o termo *business*²⁸, embora seja “financiado quase inteiramente por contribuições voluntárias”²⁹ de governos e da União Europeia, para atrair possíveis investidores para o “negócio” da ajuda internacional humanitária.

Diversas publicações tem buscado tornar esse “negócio” mais “ágil” (GRAY; OLORUNTOBA, 2006) como um todo, ou entender suas dinâmicas específicas, como no Quênia (MONTCLOS; KAGWANJA, 2000). A comunidade internacional apenas recentemente admitiu que se faz necessário pensar em alternativas aos campos de refugiados mesmo.³⁰ O próximo passo é pensar como as relações interestatais tem influenciado nesse quesito.

²⁴ “*Refugees In Kenya’s Dadaab Camp Find Life A Daily Struggle*”. Disponível em: <<http://www.wfp.org/stories/refugees-kenya-%E2%80%99s-dadaab-camp-find-life-daily-struggle>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

²⁵ “*Red Cross May Not Even Know Where Nearly \$500 Million In Haiti Donations Went*”. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/entry/red-cross-doesnt-know-how-it-spent-nearly-500-million-in-haiti_55ae7ec1e4b0a9b94852a1d0?cps=gravity_2659_3955385195699285337>. Acesso: 07 Jul. 2015.

²⁶ Disponível em: <<http://www.unhcr.org/4981cb432.html>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

²⁷ “*Dadaab, Kenya: A giant refugee camp Somalis call home*”. Disponível: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-24995816>>. Acesso: 07/07/2015.

²⁸ O próprio ACNUR possui, em seu site, uma seção específica para “negócio” (*Business*) com a ajuda humanitária. Seção ‘*Doing Business*’ disponível em: <<http://www.unhcr.org/pages/49c3646c4a0.html>>. Acesso: maio, 2015.

²⁹ UNHCR. *Financial figures*. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/pages/49c3646c1a.html>> Acesso: 05 maio 2015.

³⁰ The Guardian. ‘*With camps limiting many refugees, the UNHCR’s policy change is welcome*’. Notícia de 02 Oct. 2015 Disponível: <<http://www.theguardian.com/global-development/poverty-matters/2014/oct/02/unhcr-policy-change-refugee-camps>> Acesso: 29 Jul. 2015.

2. OS EUA NO QUÊNIA: AS RELAÇÕES BILATERAIS

BREVE HISTÓRICO

Muito embora a comunidade internacional *lato sensu* (incluindo organizações internacionais não-governamentais, os meios científico e acadêmico, de movimentos sociais etc.) marque presença na região há mais de duas décadas, as relações bilaterais entre o país de acolhida dos refugiados e a maior economia do mundo, por outro lado, datam de muito antes.

A primeira embaixada estadunidense no Quênia foi inaugurada em 1964, pouco após a sua independência do Reino Unido, em dezembro de 1963.³¹ Nos anos da Guerra Fria, a ajuda e os investimentos econômicos recebidos “em larga escala” pelo país foram creditados “à sua estabilidade política e economia de mercado” (OZMANCZYK, 2003, p. 1223).

Ao fim desse período, estudos apontam para mudanças drásticas na natureza da ajuda nos EUA, “(...) com preocupação decrescente para combater o comunismo e crescente para economias em transição” (FLECK; KILBY, 2006, p. 218). Ademais, parece ter havido ‘corte de gastos’: entre 1985 e 1995,³² os recursos para tais ações teriam declinado de 2,5% para apenas 1,2% do total (USAID, 1995, p. 5). Nesse mesmo decênio, contudo, o Quênia foi um dos dez países africanos que mais receberam tais recursos (UNCTAD, 2006, p. 20).

Nem só de ajuda externa vive esse país. As exportações de bens dos EUA para o Quênia em 2013 somaram US\$ 651 mi, um aumento de 232% em dez anos, sendo compostas sobretudo por aeronaves (US\$ 217 mi) e maquinário (US\$ 104 mi).³³ Podemos imaginar como isso afeta as relações políticas, visto que “ao contrário da maioria dos governos africanos, o Quênia tem permitido e até congratulado o acesso militar dos EUA às suas bases navais e aéreas”.³⁴

Por filiação paterna, o atual presidente dos EUA tem ligações com o Quênia, as quais procura “(...) cultivar sem exagero” (CAROTENUTO et

³¹ Departamento de Estado dos EUA (Bureau of African Affairs). “U.S. Relations With Kenya” (factsheet). Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2962.htm>>. Acesso: 14 Aug. 2015

³² No original, em Inglês: *U.S. Agency for International Development (USAID). Annual Performance Report*. Disponível: <<https://www.usaid.gov/results-and-data/progress-data/annual-performance-report>>. Acesso: 14 Aug. 2015

³³ Note-se que, enquanto isso, os principais produtos importados (total de US\$451 mi) foram vestimentas de tricô (US\$160 mi) e outros tecidos (US\$148 mi). Informações do Escritório dos EUA para Comércio, disponível em: <<https://ustr.gov/countries-regions/africa/east-africa/kenya>>. Acesso: 14 Aug. 2015

³⁴ No original (Inglês): “*In contrast to most African governments, Kenya has permitted and even welcomed American military access to its naval and air bases*”. IN: *The Heritage Foundation* (online). Relatório de 24 Apr. 1990. Disponível em: <<http://www.heritage.org/research/reports/1990/04/strengthening-us-ties-with-kenya>>. Acesso: 14 Aug. 2015

al., 2009, p. 210). Desde a sua eleição, muito se tem debatido sobre os *Luo*, etnia de origem do Obama pai, constitui cerca de 13% da população queniana. Esta é majoritariamente cristã (82,5% dos quenianos assim se declararam em 2009) e jovem (mais de 60% abaixo dos vinte e cinco anos de idade).³⁵

A MEDIAÇÃO NO EPISÓDIO EM DADAAB

Aliados naturais após a independência do antigo colonizador comum, com trocas comerciais desiguais, porém aliados estratégicos em matéria de segurança regional. Nesse panorama, os discursos oficiais de ambos os países em torno do episódio de ameaça de fechamento dos campos em Dadaab ganham um contorno singular.

No governo do Quênia, o vice-presidente, William Ruto, chegou a afirmar que “*The way America changed after 9/11 is the way Kenya will change after Garissa*”.³⁶ Nesse sentido, “(...) não é exagero afirmar que o 11 de Setembro transformou o significado do terrorismo internacional” (IPEA, 2014, p. 7), pois o protagonismo no “combate ao terror” tem sido objeto de disputa de diferentes atores, atingindo cada vez mais pessoas no mundo todo. Segundo o *New York Times*: “Desde 2012, mais de 600 pessoas foram mortas no Quênia pelo Shabab, um grupo extremista baseado na Somália e afiliado à Al Qaeda [que] afirma ser responsável pelo ataque à Universidade de Garissa que matou 147 pessoas em abril”.³⁷

Após os ataques, a polícia local teria lançado uma “campanha para expulsar os terroristas ligados ao massacre”, à qual foi atribuída um novo fator de insegurança para os residentes da região. Segundo estes, à época, os soldados estariam: “(...) chicoteando moradores para forçá-los a identificar terroristas (...) [e] prendendo pessoas sem cartões de identidade”.³⁸

Nada muito fora da rotina de um país onde a polícia não passa confiança mesmo a pessoas em situação migratória regular. De fato, mais recentemente, outra notícia veiculou a prisão de uma refugiada somali que “tinha permissão para estar no Quênia e era casada com um queniano”. Para ela, a polícia teria dito: “Vocês são as pessoas arruinando o nosso país”.³⁹

³⁵ CIA: *The World Factbook*. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ke.html>>. Acesso: 14 Aug. 2015

³⁶ BBC. *Kenya tells UN to close Dadaab camp after Garissa attack*, <<http://www.bbc.com/news/world-africa-32269944>>. Acesso: 14 Aug. 2015

³⁷ *New York Times*. ‘*U.N. Asks Kenya Not to Close Somali Refugee Camp in Wake of Garissa Killings*’. Notícia de 14/04/15. Disponível: <http://www.nytimes.com/2015/04/15/world/africa/un-asks-kenya-not-to-close-somali-refugee-camp-in-wake-of-garissa-killings.html?_r=0>. Acesso: 14 Aug. 2015

³⁸ USA Today. ‘*In Kenyan town where students were massacred, ‘it’s not safe*’. Notícia de 03 Apr. 15. Disponível em: <<http://www.usatoday.com/story/news/world/2015/04/03/kenya-university-attack/25230247/>>

³⁹ Creative Time Reports. ‘*You Are All Terrorists: The “Sanitization” of a Nairobi Suburb*’. Notícia de 29/07/2015. Disponível em: <<http://creativetimereports.org/2015/07/29/ngwatilo-mawiyoo-you-are-all-terrorists/>>

Nenhum desses temas de direitos humanos, no entanto, parece ter sido abordado pelos Estados Unidos quando da estada do Secretário de Estado John Kerry em maio deste ano no episódio ora estudado. Sabe-se que conversou com estudantes em Dadaab pelo Skype,⁴⁰ que visitou a embaixada que fora bombardeada em 1998, acusando o presidente somali e o líder da oposição daquele governo pela falta de paz no país vizinho, e que finalmente, como já foi dito, prometeu um aumento nos repasses para o Quênia ‘lidar com os refugiados’.⁴¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

DADAAB: PARTE DO PROBLEMA OU DA SOLUÇÃO?

Falar de campos de refugiados é altamente político. Falar do maior desses campos com foco na atuação dos principais atores internacionais, chamando à mesa a maior economia do mundo, não fica por menos. Além disso, as missões de paz armada continuam a operar na Somália enquanto falamos dos campos de refugiados no Quênia. É preciso um enfoque transnacional para compreender a permanência desses campos se quisermos pensar em soluções mais duradouras para seus refugiados.

Nos anos da Guerra Fria, era claro o interesse do “bloco capitalista” em financiar países sob sua influência política. Atualmente, com os “interesses difusos” das “múltiplas polaridades” em disputa desde a queda do muro, contudo, esses interesses já não estão claros, porém claro está que há interesses e que os efeitos de sua presença desde longa data já se fazem sentir mesmo dentro dos limites geopolíticos de um complexo campo de refugiados. Dentro da própria ONU, já se admite que a assim chamada “ajuda externa” a “países de baixa renda”⁴² tem influências “(...) dos cálculos políticos e comerciais dos doadores”, tal como se fazia na era colonial (UNCTAD, 2006, p. 9).

Preocupa que a comunidade internacional não exerça o seu papel de denunciar a situação de grave e generalizada violação de direitos humanos que atualmente impera no Quênia, sobretudo em regiões onde há um elevado índice de imigrantes. No caso das ameaças de fechamento aos campos

⁴⁰ ACNUR. ‘US Secretary of States John Kerry visits UNHCR, speaks to students in Dadaab Refugee Camp via Skype’. Notícia de 04/05/15. Disponível: <<http://unhcr-regional.or.ke/news/kenya-us-secretary-states-john-kerry-visits-unhcr-speaks-students-dadaab-refugee-camp-skype>>. Acesso: 14/08/2015

⁴¹ The Washington Post. ‘On Kerry’s visit to Kenya, U.S. pledges extra \$45 million to help with refugees’. Notícia de 04/05/2015. Disponível: <https://www.washingtonpost.com/world/kerry-in-kenya-remembering-past-terror-and-discussing-current-threats/2015/05/04/2aa0ccec-ef4b-11e4-8050-839e9234b303_story.html>. Acesso: 07 Jul. 2015.

⁴² Conforme classificação do Banco Mundial, em: <http://data.worldbank.org/about/country-and-lending-groups#Low_income>

de Dadaab, ficou claro o quão frágil é a existência desses campos, por dependerem ainda muito mais de fatores políticos do que propriamente do Direito.

Nesse panorama, investir na solução duradoura menos custosa para o Direito Internacional Humanitário e dos Refugiados, ou seja, na integração local dos residentes de Dadaab, tem se tornado cada vez menos provável, a menos que o enfrentamento da xenofobia seja levado a sério pela comunidade internacional como uma grave violação ao Direito Internacional dos Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDI, Awa M. "In Limbo: Dependency, Insecurity, and Identity amongst Somali Refugees in Dadaab Camps". IN: *REFUGEE: Canada's Journal on Refugees*. Vol. 22, No. 2 (2005). Disponível: <<http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/view/21328>>. Acesso: 07 Jul. 2015.
- ACNUR (Alto Comissariado da ONU para Refugiados). *Handbook for Emergencies*, 3ª Ed. (2007). Disponível em: <www.refworld.org/pdfid/46a9e29a2.pdf>. Acesso: 07 Jul. 2015.
- BLAY, Eva Alterman. *O Brasil como destino: raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo*. 1. ed. São Paulo: Unesp. 2013.
- CAROTENUTO, Mattew; LUONGO, Katherine. *Dala or Diaspora? Obama and the Luo Community of Kenya*. In: *African Affairs* n. 108 (431): p. 197-219. Londres, 2009. Resumo disponível em: <<http://afraf.oxfordjournals.org/content/108/431/197.short>>. Acesso: 07 Jul. 2015.
- FLECK, Robert K.; KILBY, Christopher. "How do political changes influence US Bilateral Aid allocations? Evidence from panel data". IN: *Review of Development Economics*, Vol. 10(2), May, 2006. ISSN: 1467-9361. p. 210-223.
- GARCIA, Fernanda di Flora. Direitos humanos x políticas migratórias: os centros de detenção para imigrantes na Itália. Apres. no *36º Encontro Anual da ANPOCS* (2012). Disponível: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8091&Itemid=76>. Acesso: 07 Jul. 2015.
- GRAY, Richard; OLORUNTOBA, Richard. *Humanitarian aid: an agile supply chain?*. 2006. Disponível em: <http://www.researchgate.net/profile/Richard_Oloruntoba/publication/27479675_Humanitarian_aid__an_agile_supply_chain/links/0046352f2c8c7dd7ce000000.pdf>. Acesso: 07 Jul. 2015.
- HASBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre: UFRGS. 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso: 07 Jul. 2015.
- HYNDMAN, Jennifer. *A Refugee Camp Conundrum: Geopolitics, Liberal Democracy, and Protracted Refugee Situations*. In: *Refugee*. ISSN: 1920-7336. Vol 28, No 2 (2011). Disponível em: <<http://pi.library.yorku.ca/ojs/index.php/refuge/article/view/36472>>. Acesso: 07 Jul. 2015.

HORST, Cindy. *Transnational nomads: how Somalis cope with refugee life in the Dadaab camps of Kenya*. 1ª Ed. Nova Iorque. Oxford: Berghahn Books, 2006.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). *Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Orgs.: SOUZA André de Mello e, NASSER Reginaldo Mattar, MORAES Rodrigo Fracalossi de. Brasília: Ipea, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3007>>. Acesso: 07 Jul. 2015

MONTCLOS, Marc-Antoine Perouse De; KAGWANJA, Peter Mwangi. *Refugee Camps or Cities? The Socio-economic Dynamics of the Dadaab and Kakuma Camps in Northern Kenya*. 2000. Disponível: <<http://jrs.oxfordjournals.org/content/13/2/205.abstract>>. Acesso: May, 2015.

OZMANCZYK, Edmund Jan. *Encyclopedia of the United Nations and International Agreements: Third Edition*. Vol. 2 (G-M). London: Routledge. 2003.

RAMOS, André de. *Teoria Geral dos Direitos Humanos na ordem internacional*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

SLAUGHTER, Amy; CRISP, Jeff. “A surrogate state? The role of UNHCR in protracted refugee situations”. IN: *New Issues in Refugee Research*. Research Paper No. 168. 2009. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/4981cb432.html>>. Acesso: 07 Jul. 2015

UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento). *Doubling Aid: Making the “Big Push” work*. Nova Iorque e Genebra: Nações Unidas, 2006. Disponível em: <http://unctad.org/en/Docs/gdsafrica20061_en.pdf>. Acesso: 07 Jul. 2015

USAID (Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional). *Agency Performance Report 1995*. Disponível em: <http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PNABY343.pdf>. Acesso: 07 Jul. 2015